

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos*

Vitória Ramoska**

DOI:

10.11606/issn.2318-8855.v11i1p
445-469

Resumo: O objetivo deste artigo é identificar e situar a forma como os sons e os ruídos relacionados à vida doméstica da população paulistana participaram do processo de modernização da cidade entre os anos de 1890 e 1920. Através da busca por ocorrências sonoras em periódicos como “O Estado de S. Paulo” e “Correio Paulistano”, além da leitura das obras de memorialistas e cronistas que viveram e observaram o cotidiano e as mudanças que ocorriam no ambiente citadino, buscamos mapear algumas das principais atividades e práticas cotidianas da população, o que, além de evidenciar um interessante panorama da paisagem sonora do período, nos possibilitou escutar algumas das principais dissonâncias do processo de modernização da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Modernização Paulistana; Sonoridades; Vida Doméstica.

* Este artigo é fruto dos resultados de pesquisa obtidos através de dois anos de dedicação ao Programa Unificado de Bolsas (PUB-USP) sob orientação do professor Dr. José Geraldo Vinci de Moraes. Agradeço ao Zé por todo o apoio, conversas, reflexões e indagações que tornaram este trabalho possível.

** Bacharela e Licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: vitoria.ramoska@gmail.com

Introdução:

“Algumas bombas estruturam com fragor e maior animação se sentia. Em redor do coreto da banda de música, solicitaram números em voga. Então, a Filarmônica do Pari tocou um dobrado vivo e excitante. Em espaços em que se silenciava, o ruído das conversas, como o zumbido de milhões de vespas, onde sobressaíam risos e gritaria, formava uma babel de vozes e sons” (MARX, 1996, p. 46)

A epígrafe destacada revela uma porção de sonoridades produzidas nas ruas de São Paulo na década de 1920 que, sem dúvidas, atravessaram os muros e portões residenciais, trazendo impactos para a vida doméstica da população paulistana. A autora destaca, ainda, os múltiplos ruídos como elementos responsáveis pela formação de uma “babel de vozes e sons”, uma ideia que parece pertinente quando nos confrontamos com a realidade polifônica e, muitas vezes, contraditória, que se expressava na cidade, diante da mistura de povos e culturas fundidos em arranjos criativos na partilha do espaço paulistano.

O período entre 1890 e 1920, soma três décadas em que a sociedade brasileira esteve convulsionada por uma série de fatos e processos históricos acompanhados de alterações socioeconômicas significativas para o país. A Abolição da Escravidão, em 1888, a Proclamação da República, em 1889, e a consolidação dos principais pilares da Revolução Científica Tecnológica europeia, (SEVCENKO, 1998, p. 8) tiveram repercussões distintas entre as diferentes regiões do país e atingiram de maneiras variáveis os padrões e modos de vida dos brasileiros e conseqüentemente dos paulistanos, que, frente ao desenvolvimento da economia cafeeira, passaram a conviver com um intenso crescimento do contingente urbano, representado pelos

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

afluxos de migrantes nacionais e imigrantes estrangeiros, egressos da escravidão, além de fazendeiros que migravam da zona rural para o território citadino.

O fluxo de transformações que tomou conta da sociedade paulistana a partir do final do século XIX estimulou mudanças que iriam afetar “desde as ordens e hierarquias sociais até a noção de tempo e espaço das pessoas” (SEVCENKO, 1998, p. 9). Os hábitos e as práticas culturais também começaram a se alterar e isto pode ser comprovado a partir dos fenômenos sonoros presentes nas esferas públicas, mas também nas esferas privadas da população.

Neste artigo, buscamos situar as formas como o processo de modernização paulistano, no período de 1890 e 1920, foi constituído também pelos sons e sonoridades domésticas. Em outras palavras, trata-se da tentativa de delinear as práticas e atividades cotidianas das diferentes camadas da sociedade a partir dos barulhos, ruídos e sonoridades existentes na paisagem sonora dos ambientes íntimos.

Antes de adentrar o mundo doméstico paulistano e escutar a sua paisagem sonora, no entanto, é preciso estar atento às considerações a respeito do sentido que a privacidade pôde conotar para as diferentes camadas da população da época. Se para as elites, a dimensão privada da vida cotidiana estava assegurada dentro dos palacetes situados na Avenida Paulista e no bairro de Higienópolis, para as camadas populares esta dimensão era forjada no espaço do possível (WISSENBACH, 1998, p. 129). Mais do que isso, estava associada à sobrevivência e não à domesticidade, e pode ser representada pelos frágeis biombos que separavam a intimidade das famílias moradoras de cortiços e pensões, localizados principalmente em bairros como o Brás e o Belenzinho.

São Paulo, uma babel sonora em curso.

A Revolução Tecnológica Científica inseriu o Brasil, e a cidade de São Paulo, no fluxo da modernização. Com a expansão da economia capitalista e o desenvolvimento de potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, São Paulo, que até o final do século XIX era uma pequena cidade colonial com ares provincianos, viu-se mergulhada em um processo de transformações relacionadas às mudanças tecnológicas, econômicas e sociais ditadas pela Segunda Revolução Industrial. As novas tecnologias que chegavam à cidade estavam relacionadas, principalmente, ao desenvolvimento do transporte, da comunicação e do lazer. Vinculadas aos discursos enaltecidos do progresso e do poder libertador da técnica, as novas aparelhagens desenvolvidas nos países do Norte chegavam aqui investidas de um grande potencial utilitário e, sobretudo, de uma densa aura mítica (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 558).

As fontes documentais relacionadas às sonoridades domésticas da cidade de São Paulo revelam aspectos importantes para o entendimento desse universo. As consultas aos periódicos e aos textos memorialísticos evidenciam a ocorrência de alguns fenômenos que podem ser destacados inicialmente, como a presença de relógios e despertadores entre os utensílios domésticos que se tornaram comuns no cotidiano paulistano. Em uma noite de insônia, o cronista Jorge Americano relembra em “São Paulo Naquele Tempo” os “tique-taques” (AMERICANO, 2004, p. 48) que fazia o relógio disposto na sala de jantar de sua residência. Já o “Correio Paulistano” publicava em 21/07/1900, na seção de anúncios, a venda de um despertador elétrico que tinha como fator atrativo a função de “obrigar as pessoas, com som mais forte, a despertar para acabar com o barulho infernal que o aparelho produz”.

Os meios de locomoção também passaram por transformações. No começo do século XX, os habitantes da cidade assistiram atônitos à chegada dos automóveis. Em

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

“Belenzinho 1910”, Jacob Penteado lembra-se do aparecimento de um “estranho veículo, que andava sem cavalos, provocando um ronco tremendo, entremeado de explosões”. Como se tratava de equipamentos capazes de deslocar uma estrutura pesada de ferro a uma velocidade inédita no espaço urbano, os automóveis tornaram-se instantaneamente um símbolo de poder, além de um importante item do índice de sonoridades públicas e domésticas paulistanas, já que as buzinas e os roncamentos dos motores chegavam aos ouvidos de quem estava nas ruas, mas também de quem estava dentro de casa.

Quando os bondes elétricos começaram a circular pelas ruas paulistanas, seus respectivos ruídos também eram escutados pelos moradores da cidade em seus redutos domésticos. Os moradores do centro, mais especificamente da Rua Barão de Limeira, se dirigiram ao periódico “O Estado de S. Paulo” no dia 07/12/1917 como forma de solucionar o problema relacionado ao ruído emitido pelos bondes que passavam por trilhos mal assentados na região central. Em 21/03/1901, os habitantes da Rua José Bonifácio se dirigiram ao mesmo periódico por conta do “inútil barulho” que os profissionais faziam ao tocar as “campas de sinal”, dificultando que os moradores dessas localidades pudessem desfrutar tranquilamente de suas horas de descanso.

A introdução de novos aparatos tecnológicos também foi fundamental para a constituição de novas formas de lazer para a sociedade “moderna” paulistana. Os aparelhos sonoros eram anunciados com bastante destaque nos periódicos. Gramofones, zonofones, fonógrafos, discos, auto-pianos e rolos de músicas chamavam atenção pela novidade e pelo caráter moderno. A venda desses aparelhos era anunciada cotidianamente em leilões e casas de música, como a Casa Murano, a Fagner Irmãos e a Casa Edson. Uma notícia curiosa publicada “n’O Estado de S. Paulo” em 21/04/1914 revela a utilização desses aparelhos no cotidiano da família, mas cujo

resultado foi trágico. O acontecimento envolveu uma senhora que ouvia seu gramofone no interior da casa quando seu filho disparou um revólver, acertando-a. Outra notícia, esta veiculada no “Correio Paulistano” em 08/01/1900 também destaca a utilização corriqueira do equipamento: publicou-se a notícia de um homem que tentou se suicidar no interior de sua residência após quebrar acidentalmente a mola de seu gramofone.

Apesar dos padrões de consumo terem sido absorvidos de forma desigual pelas diferentes camadas da população, os textos memorialísticos apontam que os aparelhos sonoros também estiveram presentes nos domicílios habitados pelas camadas populares. No entanto, seu uso era feito de forma compartilhada, conforme se lê em uma passagem do livro “Os Humildes”, de Geraldina Marx, em que a personagem principal narra um domingo de festas no cortiço em que vivia. Sobre o evento, foi mencionada a presença de um gramofone, colocado à frente da janela para que toda a vila pudesse escutar as músicas tocadas pelo aparelho.

A modernidade brasileira estava vinculada ao apreço das elites pelas tecnologias e novos aparatos estrangeiros, sendo imprescindível a associação desses setores com os símbolos cosmopolitas, em especial aqueles de origem europeia, afeitos às ideias do progresso e da técnica.

Nesse sentido, a partir do início do século XX, as elites paulistanas, eufóricas com as mudanças trazidas pelo processo de industrialização e urbanização da cidade, passaram a desejar, como destaca Nicolau Sevcenko “o acerto dos ponteiros brasileiros aos relógios globais” (SEVCENKO, 1998, 27). Em outras palavras, podemos afirmar que parte das elites emergentes se responsabilizou pelo dever de livrar do país o que era considerado “atrasado”, adjetivação atribuída a resquícios materiais ou imateriais do passado do Brasil, e colocar, assim, o país na esteira da modernização.

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

A fantasia de sintonizar as elites e frações da burguesia com a cultura europeia foi responsável pela formulação de um padrão cultural imitativo. Assim, os modos de vida, os hábitos cotidianos, os trajes e os saberes dos paulistanos mais abastados passaram a ter como referência primordial a Europa, principalmente a França.

Essa tentativa de espelhamento da cultura europeia gerou impactos significativos para o cotidiano doméstico das elites de São Paulo. A começar pelo planejamento interno dos palacetes, construídos principalmente nas regiões dos Campos Elíseos, de Higienópolis e da Avenida Paulista, podemos afirmar que a organização espacial dessas edificações levou em conta padrões de racionalidade e de conformação da intimidade, duas tônicas do discurso da modernidade.

Os palacetes eram sinônimos de habitações sólidas e isoladas, localizadas no centro de um amplo terreno. Seus portões altos distanciavam os cômodos das casas da circulação das ruas e as grades de ferro completavam a separação entre o espaço privado e público. De uso estritamente residencial, essas moradas se caracterizavam pela adoção de jardins e corredores laterais que garantiam aeração, iluminação, e o mais importante: a intimidade dos moradores. Além disso, essas áreas produziam várias sonoridades domésticas. Oswald de Andrade, em “Um Homem sem Profissão”, destaca a utilização desses espaços relatando que “As pessoas ficavam conversando nas janelas e sentadas nos jardins” (ANDRADE, 1974, p. 11). Esses espaços também eram usados em celebrações maiores e mais importantes. Os jornais indicam que em várias festas a área servia de palco para apresentação de bandas e orquestras.

Adentrando os palacetes das elites, podemos destacar, em primeiro lugar, a ambientação europeizada dos interiores. Tapeçarias, cortinas, espelhos e um mobiliário mais complexo e atualizado vinham introduzir condições de conforto e ordenação formal até então desconhecidos. Além disso, percebemos uma forte

diferenciação espacial entre os ambientes internos. As plantas arquitetônicas do período mostram uma intensa especialização dos cômodos, “estabelecendo uma gramática rígida para as atitudes privadas das famílias” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 496).

Segundo o historiador Paulo César Garcez Marins, as áreas sociais eram repartidas em salões numerosos com funções específicas: hall, recepção formal, estar (living), jogos, *fumoir*, música, escritório, gabinete etc. Cada aspecto da vida privada das famílias devia se processar em seu espaço correlato (MARINS, 1998, p. 177).

A foto a seguir mostra um evento ocorrido em um desses espaços



Photographias tiradas na residência do nosso querido director, sr. Gelasio Pimenta, por ocasião de seu aniversário natalício, vendo-se: em cima, a ceia; no centro, aspecto de uma sala; em baixo, o salão de musica, quando tocava a eximia violinista Celina Branco.

Imagem 1 - A Cigarra, São Paulo, ano IV, 30/01/1918

Neste recorte da revista “A Cigarra” só consta a última foto da descrição, identificada como o salão de música. No registro, observamos uma reunião entre pessoas da alta sociedade paulistana, o que fica evidente quando levamos em conta a vestimenta dos convidados e o fato de a festa pertencer ao diretor de uma revista importante da época, *A Cigarra*. Chama atenção no fundo da foto, a presença de Celina Branco, a violinista, e de outra mulher que a acompanha tocando piano,

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

provavelmente fazendo alguma apresentação aos convidados no interior da sala de música da residência.

Esse recorte é importante para ilustrar um dos compartimentos de uma casa da elite paulistana e mostrar a “gramática rígida” de separação dos ambientes internos. Além disso, nos ajuda a introduzir um tema fundamental para o estudo da paisagem sonora doméstica de São Paulo nesse período: a ocorrência de ritos de convivência e sociabilidades entre os membros da elite.

A partir do final do século XIX, os palacetes habitados pela alta sociedade paulistana passaram a ser palcos para a exibição dos novos costumes e dos novos ritos da vida privada. Os jornais anunciavam com bastante regularidade a ocorrência de eventos com novas experiências de socialização. As colunas e notícias sobre o cotidiano da cidade narravam as festas no interior dos palacetes e das casas de famílias mais abastadas. Nelas eram oferecidos banquetes acompanhados por bandas, orquestras ou aparelhos sonoros. O “Correio Paulistano” publicou no dia 14 de janeiro de 1900, por exemplo, o relato da festa de aniversário na casa de Sebastião Gonçalves da Silva em que ocorreu um “sarau musical e dançante” no qual suas filhas se apresentaram tocando piano. “O Intransigente – orgam litterario do grupo dos intransigentes” publicou também em 14 de julho de 1900, uma notícia a respeito de uma reunião em que se comemorou o batizado de duas crianças com uma “soirée” que contou com a presença de amigos próximos na residência da família.

Muitas vezes esses eventos eram identificados como “soirée” ou “séance”, indicando a influência francesa nos costumes da elite paulistana. As festividades continham saraus musicais e dançantes, em que ocorriam apresentações artísticas, com a declamação de poesias ou a execução de instrumentos musicais. Mas havia também festas íntimas em comemoração a aniversários, batizados, casamentos e

bodas de prata e de ouro.

Em “São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)”, Jorge Americano dedica um capítulo da obra para lembrar o “circuito de recepções” que se estabelecia nesse período. O autor narra uma série de encontros que aconteciam no interior das residências das elites de São Paulo, situações em que os indivíduos se reuniam para discutir e recitar poesias, além de falar sobre literatura, teatro e cinema. Nesses eventos, era comum a presença de músicos que exibiam seus dotes artísticos ao executarem as peças mais valorizadas do período. Os atletas ou praticantes de esportes também apareciam frequentemente nessas situações, tendo em vista que as partidas de tênis e pingue-pongue eram constantemente assistidas pela alta sociedade paulistana.

A emergência de novos laços de convivialidade possibilitava trocas e negociações cujo resultado poderia ser uma mera aventura galante ou até mesmo a promessa de casamento (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 446). Além disso, é importante mencionar que as recepções oferecidas nos salões dos palacetes urbanos permitem entrever a fronteira entre o privado e o público, entre uma convivialidade eletiva, regrada pelos indivíduos, e uma sociabilidade obrigatória, imposta pelos interesses associativos e conflitos restritivos dos grupos sociais. (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 500).

Nesse cenário, merece destaque a Villa Kyrial, o salão que o senador-mecenas José de Freitas Valle organizou em sua residência na Vila Mariana e que serviu como pano de fundo para saraus literários, banquetes e ciclos de palestras. Reunindo figuras importantes da oligarquia paulistana, a existência do salão permitiu a ocorrência de experiências relacionadas a uma sociabilidade elegante e culta em que se buscava o aprimoramento dos sentidos e a sofisticação dos costumes. No dia 11/12/1916, o “Correio Paulistano” publicou uma notícia relatando a festa de

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

aniversário de José de Freitas Valle. Segundo o jornal, “durante todo o dia a elite paulistana foi levar a s. exce. os seus votos de felicidade; à noite, abriram-se os salões da Villa Kyrial, onde depois de um finíssimo jantar, se fez música, organizando-se uma encantadora reunião que se prolongou até a madrugada.”.

Como destaca a historiadora Margareth Rago,

“Esses espaços de ócio e entretenimento emergiam como linhas de fuga lúdicas por onde se liberava a imaginação e onde esses grupos podiam realizar alguns de seus devaneios de criação de um outro mundo. Por essa via, abriam espaço para sua própria subjetivação referenciada por antigos modelos franceses, bem ao gosto de suas fantasias de nobreza.” (RAGO, 2004, p. 407)

Presente em reuniões domiciliares, saraus musicais e, principalmente na rotina cotidiana dos paulistanos, o piano também aparece como um índice da cartografia sonora das residências de São Paulo, pois como destaca Jorge Americano, “tocar bem piano era uma das maneiras de ser da boa sociedade” (AMERICANO, 2004, p. 69). O autor ainda nos relembra que “quase todas as moças estudavam por imposição. E quase todas, quando casavam, traziam o piano como parte do mobiliário da casa” (AMERICANO, 2004, p. 70).

A relação que o memorialista paulistano destaca entre o estudo do piano e a rotina das mulheres pertencentes às camadas sociais mais abastadas de São Paulo não é ao acaso. Na esteira da modernidade, as mulheres passaram a se defrontar com uma noção mais delimitada dos papéis sociais atribuídos a cada sexo. Se aos homens cabia o dever do sustento material da residência, as mulheres passaram a ser responsáveis pela honra familiar, ou seja, deveriam preservar o tradicional ideal de pureza e de submissão feminina, conjugando-o com as novas expectativas burguesas de gerência eficiente do lar.

Além disso, as mulheres deveriam se destacar socialmente. A prova disso são os concursos realizados em revistas femininas que procuravam eleger as mulheres mais bonitas, mais cultas e as mais articuladas em relação à oratória. Valorizavam-se as moças que possuíam sólidas noções de literatura, as que sabiam fazer pinturas e as que mais se distinguiam em relação à execução de instrumentos musicais, como o piano. Nesse sentido, podemos destacar os anúncios veiculados nos periódicos que promoviam a venda do instrumento musical, além das aulas oferecidas por professores que iam até a casa das alunas.

As Sonoridades Populares

As camadas mais populares também sentiram o impacto das mudanças trazidas pelo processo de modernização da cidade. Entre o final do século XIX e o começo do XX, teve início um enorme crescimento do contingente urbano, representado pela chegada de imigrantes e migrantes nacionais atraídos pela possibilidade de novas oportunidades de trabalho. Diante de um setor industrial ainda em consolidação, muitos dos novos habitantes da cidade passaram a ocupar também o setor de serviços e da economia informal, identificada por atividades ligadas a vendedores ambulantes e à criação de pequenos negócios nas próprias residências dos recém-chegados.

No livro “Anarquistas, Graças a Deus”, a autora Zélia Gattai, proveniente de uma família de imigrantes italianos, narra as suas lembranças de infância e juventude em um casarão na Alameda Santos, onde seu pai estabeleceu uma oficina mecânica para os automóveis que começaram a chegar à cidade. Na narrativa de Zélia, são muitas as referências sobre os ruídos oriundos da oficina de seu pai, havendo destaque para as formas como esses sons influenciavam o cotidiano da família.

Em “Retalhos da Velha São Paulo”, Geraldo Sesso Júnior destaca uma cantina

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

pioneira no Brás, mais precisamente na esquina da Rua Monsenhor Anacleto com a Avenida Rangel Pestana. Dom Carmeniélo, proprietário do estabelecimento, residia com a família no fundo de sua casa de negócio. Entre os atrativos da cantina estava as “alegras cançonetas” que partiam do recinto, executadas pela voz melodiosa do proprietário. Além disso, nos feriados e principalmente ao anoitecer, na véspera de domingo, era quase uma tradição encontrar a cantina completamente lotada. Para suprir a falta de vagas, eram colocadas mesas e cadeiras nas calçadas defronte à cantina, onde a clientela livremente cantava e se divertia. Sesso ainda relembra que, muitas vezes, essas reuniões eram abrilhantadas com a presença de músicos pertencentes às tradicionais bandas da época, como a do “Ettore Fieramosca”, o que nos comprova que, certamente, as sonoridades produzidas nesse estabelecimento se espalhavam pelas ruas e adentravam as casas da região.

A população paulistana se adensava cada vez mais. No entanto, a expansão da infraestrutura da cidade ocorreu de forma desigual, principalmente em relação à oferta de moradias. Estudos (WISSENBAACH, 1998, p. 91) apontam que houve em São Paulo um processo de inchaço, responsável pela acentuação das desigualdades urbanas, algo que pode ser representado pela multiplicação dos cortiços, pensões e moradias coletivas que passaram a abrigar os migrantes nacionais e os imigrantes, provenientes principalmente da Itália, Espanha e Portugal, mas também do Japão, da Síria e do Líbano.

Caracterizados pela grande densidade populacional e pela mistura de tipos sociais e de nacionalidades distintas, os cortiços parecem seguir um só padrão de construção: casas de meia-água, feitas dos materiais que se dispunha (barro a sopapo, sapé e palha, resíduos de materiais das cidades como caixotes de madeira, latas de querosene e folhas de zinco). Um relatório sobre moradias populares de São Paulo, elaborado em 1893, informava que os cortiços ocupavam o interior dos

quarteirões e eram formados por pequenas unidades que não chegavam a ultrapassar três por quatro ou cinco metros. Eram construídos em torno de um pátio central onde se localizavam a torneira, o banheiro e os tanques coletivos (WISSENBACH, 1998, p. 101).

Alinhadas diretamente com as calçadas, as habitações populares tinham as janelas debruçadas sobre as ruas, não correspondendo, assim, com a desejada diferenciação espacial pregada pelas elites empenhadas em discernir as fronteiras entre espaços públicos e privados.

Localizados em bairros como a Mooca, o Brás, o Bexiga e o Bom Retiro, as camadas mais populares foram levadas a ocupar as regiões mais distantes do centro da cidade e dos palacetes das elites, confirmando a “geografia de exclusão e segregação social, que acabava separando em bairros distintos os diversos segmentos da sociedade” (MARINS, 1998, p. 136).

De modo geral, as relações de convivência nas casas mais populares evidenciam uma realidade em que existiam tensões, conflitos e preconceitos, mas também formas de coexistência pacífica entre os mais variados grupos étnicos. Essa coexistência se deu, graças às diversas formas de interações sociais e assimilações culturais, relacionadas principalmente à necessidade de criação de laços e significados para a população de recém-chegados. Assim, podemos afirmar que nesse período emergiram diversos padrões de organização, formas de associação e convívio social, responsáveis pela criação de uma sociabilidade popular autônoma, calcada na criação de redes de proteção e apoio contra as dificuldades oriundas do processo de adaptação à cidade de São Paulo.

As situações que mostram a importância desses laços afetivos revelam, muitas vezes, a formação de uma sociabilidade repleta de vestígios sonoros. A começar pelos

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

ruídos produzidos por atividades envolvendo crianças, podemos destacar a ocorrência de brincadeiras de roda. Como nos lembra Zélia Gattai: “Na casa dos Bertini havia sempre muita criança: os folguedos eram tantos que o dia passava rápido. Cantávamos canções de roda: ‘Ciranda, cirandinha...’, ‘A rosa ficou doente...’” (GATTAI, 2009, p. 110). Os memorialistas também relataram frequentemente a ocorrência de situações em que as pessoas mais velhas da família passavam seus momentos de lazer contando histórias para os mais novos. Poderiam ser histórias que remontassem ao passado familiar, ou não. Jacob Penteado, por exemplo, comenta que “à noite chamava-se para ouvir histórias das ‘Mil e uma Noites’ que ele lia em italiano. [...] Era hábito aquele tempo, as famílias reunirem-se à noite para leitura de romances, principalmente os de folhetins” (PENTEADO, 1962, p. 109).

Outro índice importante da sonoridade doméstica paulistana corresponde à execução de instrumentos musicais. Como revela Sr. Ariosto, um filho de imigrantes italianos nascido na cidade de São Paulo: “Os vizinhos é que tocavam, na Moóca: uns tocavam pistão, outro tocava violino, o Amleto tocava flauta e bandolim e acompanhava mamãe no Solo mio. A mamãe cantava em casa, mas festas com dança, papai não permitia”. (apud BOSI, 1994, p. 112).

Além do pistão, do violino, da flauta e do bandolim, também era comum a presença de pianos, violões e sanfonas nas reuniões domésticas populares. Além disso, foram muitas as memórias musicais que enfatizaram a prática das cantorias em família.

Assim como nas casas das elites, as residências populares também serviram como ambiente para festas e reuniões sociais como aniversários e casamentos, mas também para comemorações relacionadas ao calendário religioso, como o Natal e a Páscoa. No depoimento de Sr. Ariosto, há uma passagem interessante que, além de

descrever a dinâmica dessas reuniões, evidencia algumas reminiscências sonoras presentes em sua residência nessa ocasião:

“Mamãe na Páscoa, fazia o pastiera di grano [...] No Natal, mamãe enfeitava um pinheiro com um Anjo, Nossa Senhora, os Reis dos Magos [...] Vinham amigos. A gente sentava na mesa e só levantava de noite. No primeiro do ano o papai ia buscar, em Santana, um sanfoneiro chamado Pepino. Ele tocava valsas antigas e papai dançava com a mamãe, minha irmã. Nós cantávamos todos juntos uma canção de Natal.” (apud BOSI, 1994, p. 108)

No final do ano, era comum que as famílias montassem em suas próprias casas presépios natalinos que atraíam a visita de pessoas de toda a cidade. Em “São Paulo Naquele Tempo”, Jorge Americano nos relembra que “quanto a presepes, só na nossa casa havia dois. Os jornais anunciavam outros presepes. O de Vila Buarque era tradicional. Outra, tradicional também, era o do Padre Chico” (AMERICANO, 2004, p. 241). As casas que ofereciam a exibição desse cenário natalino ficavam cheias de visitantes que, certamente, produziam ruídos e sonoridades significativas para a paisagem sonora dessas residências.

O lazer dos adultos também se relacionava a uma atmosfera mais lúdica. Nesse período, observamos o registro de diversos jogos praticados entre os imigrantes que, muitas vezes, reforçavam os laços sociais entre os indivíduos que estavam em processo de adaptação à cidade. No dia 13/04/1903, por exemplo, “O Estado de S. Paulo” publicou uma nota descrevendo a seguinte cena cotidiana:

“Na casa de número 16 da rua Major Quedinho, Luiz Stavole é estabelecido com um armazém de secos e molhados.

Nos fundos dessa casa está instalado um cortiço, ocupado por dez famílias [...]

Às cinco da tarde, Mário regressou à casa em companhia de seu primo e, logo à chegada, foram ao quarto de Luiz Ferro onde, Genaro Volti, Saverio Padro, Francesco Negro e Rosário Antônio jogavam víspera.

Tomando parte da jogatina, muito frequente naquele cortiço, Mário mostrou desejos que a víspera fosse substituída pela bisca, o que foi atendido.

Às 6 horas e quinze minutos da noite, depois de esvaziadas diversas garrafas de vinho, terminaram o

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

jogo.”

A notícia destacada é interessante por vários aspectos. Em primeiro lugar, destaca as condições de instalação do cortiço (nos fundos de um armazém) e a alta densidade de moradores no mesmo espaço (dez famílias habitando a mesma residência). Além disso, a reunião evidencia uma situação de sociabilidade popular, em que os cidadãos se reuniram para jogar uma partida de cartas e beber vinho no interior de um dos quartos do cortiço.

Os jogos mais citados nos periódicos e nos textos memorialísticos foram a tômbola, a bisca, o tresette, a briscola, a escopa e o jogo da morra, todos de origem italiana. As reuniões em que os cidadãos se encontravam para realizar as jogatinas costumavam ser bem barulhentas. Em “Belenzinho 1910”, Jacob Penteado relembra que: “Todas as noites, em casa de seu Lino, a turma reunia-se para jogar tômbola [...] A maneira de cantar os números era a mais estapafúrdia [...] – Atenção – gritava o cantador – Vai começar a ladroeira” (PENTEADO, 1962, p. 246).

Havia ainda aqueles cidadãos que preferiam o jogo da boccia que acontecia no meio da rua ou em quintais residenciais. Geraldo Sesso Júnior, autor de “Retalhos da Velha São Paulo” destaca a algazarra dos jogadores: “muitos gritos e murros sobre a mesa”, além de “vaias e apupos” (SESSO JÚNIOR, 1985, p. 107).

Com o espaço exíguo dos interiores, os moradores dos cortiços e das casas compartilhadas faziam um amplo uso dos quintais e das calçadas diante das residências como forma de estabelecer relações mediadas por outros elementos, que não os que orientavam o cotidiano do trabalho. Segundo a historiadora Maria Cristina Wissenbach, o quintal coletivo era o local onde se compartilhava das aflições, do cuidado das crianças e dos ensinamentos passados de geração a geração. Receitas, benzeduras e simpatias, oriundos de diferentes procedências, trocadas em dialetos e

línguas distintas e que acabavam por ser decifradas diante das urgências do sobreviver (WISSENBACH, 1998, p. 103). Essas relações comprovam a emergência de uma cultura urbana e popular nascida na composição multiétnica da cidade de São Paulo.

A menção aos quintais nos relembra de outro item importante da paisagem sonora das camadas populares: as rodas de samba.

Desempregados, trabalhadores instáveis ou mal pagos: essa era a situação em que se encontrava a maior parte da população negra habitante de São Paulo no início do século XX. Após um processo lento e gradual de abolição do sistema escravista, que não se preocupou com a integração social dos indivíduos anteriormente escravizados, a população negra teve a árdua tarefa de se afirmar socialmente em uma cidade em vias de modernização. Em outras palavras, os negros tiveram de desafiar os ideais de construção de uma cidade moderna, que deveria ser entendida como um espaço sem memória e sem as tradições e os laços que remontavam ao passado escravista.

Sendo assim, tiveram de buscar novos espaços que permitissem minimizar não só as mazelas do desenraizamento, como também a condição de exclusão pretendida pelos projetos modernizantes das elites paulistanas.

A experiência da população negra esteve marcada pela convivência com outros setores étnicos e sociais. Localizados principalmente no Bexiga, os negros conviviam nos mesmos bairros e sofriam com as mesmas condições de insalubridade presentes nas regiões pobres da cidade. No entanto, estavam menos inseridos no mercado de trabalho e dificilmente conviviam com os brancos nos mesmos espaços de lazer.

Nesse cenário, a população negra cultivava expressões culturais próprias como

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

as rodas de jongo e de samba, que reforçavam os laços de sociabilidade informal e conotavam sentido à luta cotidiana, além de alimentar a coletividade dos ex-escravizados.

Em “Belenzinho 1910”, Jacob Penteadado relembra das rodas de samba que aconteciam nas noites do dia 12 de maio. Entre as Ruas Conselheiro Cotegipe e a Dr. Clementino e Passos, situadas no bairro do Bexiga, havia um terreiro com um vasto quintal, onde os negros habitavam os fundos. Na véspera do dia em que foi assinada a Lei Áurea, em 1888, a população negra ia até o local munida de “bombos, chocalhos, pandeiros, atabaques, triângulos, maracas, tamborins, reque-reques, puítas, urucungos, marimbas, adufes e outros, herdades quiçá, dos seus ancestrais africanos”. (PENTEADO, 1962, p. 215)

Depois dos comes e bebes, de muita cachaça ou quentão, os negros animavam-se e começavam o samba de roda. Entre os índices da paisagem sonora dessa ocasião, podemos destacar, além de todos os instrumentos de percussão já mencionados, as vozes do coro e do solista da roda, além das palmas batidas compassadamente.

Diante da cartografia sonora destacada até aqui, podemos apontar que os imigrantes pobres, migrantes e negros que foram lançados para os bairros periféricos da cidade desenvolveram modos próprios de vida, sociabilidade e cultura, sem qualquer incentivo por parte dos setores dominantes ou do Estado. Nesse sentido, assistimos ao surgimento de padrões de solidariedade e sociabilidade que se apresentavam como mecanismos essenciais para a sobrevivência dos grupos populares.

Os Sons Externos

Como foi visto até aqui, São Paulo passou por um período de significativas

transformações entre o final do século XIX e início do XX. Essas mudanças foram trazidas pela influência cada vez maior da cultura europeia entre as elites paulistanas, por conta da introdução de novas aparelhagens tecnológicas no cotidiano da população e pela vultosa onda de imigrantes e migrantes nacionais que modificou expressivamente a paisagem e a configuração urbana de São Paulo.

No entanto, para o entendimento mais profundo da paisagem sonora desse cenário paulistano, precisamos levar em conta também os elementos culturais relacionados ao passado (nem tão distante) desse território, representados principalmente pela presença de animais, que passavam a conviver com as novidades trazidas pela modernização da cidade.

Nesse panorama, se destacaram as criações de pombos, galinhas, canários, abelhas, rãs, porcos, porquinhos da índia e coelhos, sempre nos quintais das casas.

Os animais também eram utilizados para a realização de serviços importantes para o funcionamento da cidade. Jorge Americano relata que em uma noite de insônia na capital paulista, era possível escutar “os ruídos das patas dos cavalos da patrulha montada”, que eram diferentes “dos cavalos do caminhão de lixo”, esses acompanhados “pelo barulho das rodas com aros de ferro e das latas atiradas à calçada depois de vazias”. Havia ainda os ruídos do cavalo do fiscal do lixo e dos burros da carroça de irrigação, além das sonoridades produzidas pelo barulho das patas de animais que puxavam bondes e traziam campainhas amarradas no pescoço (AMERICANO, 2004, p. 47).

Havia também os animais de estimação, responsáveis pela produção de outros ruídos na cidade. Além dos cachorros, que foram alvos de muitas reclamações por conta dos latidos no período da noite, encontramos também a menção a animais que dificilmente seriam considerados “de estimação” nos dias atuais. Uma reclamação

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

curiosa publicada no “Correio Paulistano” em 25/02/1908 apresenta a queixa de um homem que teve o telhado invadido pelo macaco de estimação de seu vizinho. O animal, que “fazia fosquinhas e dava guinchos”, tentou escapar de seu dono e, durante a fuga, destruiu várias das telhas da cobertura da casa do reclamante. Além disso, havia pessoas que criavam papagaios. Jorge Americano, por exemplo, relembra da casa de uma conhecida de sua família que possuía um papagaio egocêntrico. Só falava de si próprio. Dizia “papagaio real é de Portugal”, “papagaio quer café” (AMERICANO, 2004, p. 41).

As festas realizadas nas ruas também deixaram vestígios sonoros nos ambientes domésticos da capital paulista. Muitas delas estavam relacionadas à necessidade de estabelecer vínculos com a cidade e à vizinhança, a fim de que o processo de adaptação à cidade se tornasse menos complexo ou até mais prazeroso. Além disso, algumas das festas acabavam protegendo e mantendo vivas as tradições e experiências dos imigrantes, principalmente dos italianos, que realizavam as festas dos santos padroeiros de várias cidades do Sul da Itália, como a do San Vito Mártir no Brás, a do San Genaro, na Mooca, ou a da Nossa Senhora Achiropita, no Bexiga. De acordo com os relatos de memorialistas, as festas contavam com barraquinhas de jogos, leilões de comidas, bandas e procissões. Também era comum a queima de fogos, morteiros, bombas, rojões de lágrima e assobio, além das demonstrações de fogos de artifício, que, sem dúvidas, traziam ruídos para as casas situadas nas regiões das festas.

Outro aspecto que se destacava na paisagem sonora das residências da cidade eram os pregões. Havia a venda dos mais variados produtos por vendedores ambulantes que passavam em diferentes regiões da cidade, muitas vezes acompanhados de animais, fazendo ruídos como forma de chamar a atenção de seus potenciais compradores. Foram muitas as lembranças sonoras que destacaram o

assobio do amolador de facas, os gritos dos vendedores de jornais, o cantarolar dos vendedores de castanha e pizza, a trompa executada pelo tintureiro e o som metálico de colher batida contra a caçarola do folheiro. Os sinos pendurados nos pescoços das vacas e das cabras anunciavam a venda do leite e os barulhos emitidos pelos perus também serviam como tentativa de atrair a clientela.

Além dos pregões, outra atividade praticada nas ruas que ecoava no interior das residências era o fenômeno das serenatas. Segundo o historiador José Geraldo Vinci de Moraes, a serenata era uma prática social em que um pequeno grupo de músicos, geralmente composto por instrumentos de corda, sopro e um cantor, homenageavam alguém executando músicas em frente às casas ou janelas dos moradores de São Paulo (MORAES, 1997, p. 131).

No começo do século XX, as serenatas se popularizaram devido ao crescimento da cidade que, além de ampliar as áreas para a realização das serenatas, elevou o número de seresteiros, principalmente por conta da chegada dos imigrantes que passaram a encarar as serenatas também como uma forma de manifestação cultural.

Para concluir essa tentativa de estabelecer uma cartografia sonora para as residências da cidade de São Paulo, ficamos com esse trecho que, além de falar sobre a ocorrência de uma serenata, ainda destaca uma música do repertório:

“A valsa-choro "Rapaziada do Brás", tornou-se coqueluche obrigatória de todas as serenatas que geralmente se realizavam as noites de sábado, na véspera de dias santificados, ou ainda, nas reuniões festivas em casas particulares”.
(SESSO JUNIOR, 1985, p. 139)

Considerações finais

Entre 1890 e 1920, São Paulo viveu um momento de transição em que as novas formas culturais e os aparelhos tecnológicos em emergência passaram a conviver com elementos do passado tradicional da cidade. Além disso, um olhar mais

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

atencioso e pautado em aspectos relacionados às sonoridades produzidas dentro e no entorno das residências paulistanas revelou, entre outros aspectos, um processo de modernização compartilhado por diferentes camadas sociais, mas experimentado de formas distintas por cada uma delas.

Podemos apontar também para o processo de “internacionalização” da cidade de São Paulo, que passou a conviver com manifestações culturais oriundas de diferentes grupos étnicos e com as interferências relacionadas aos ideais de modernidade importados da Europa e aclamados e incorporados pela elite paulistana. Essa internacionalização, no entanto, pode ser vista como contraditória, pois se de um lado as elites repudiavam os costumes dos imigrantes, sua língua incompreensível e sua presença barulhenta na cidade, por outro lado, mantinham um enorme apreço por modas, objetos, casas e visões de mundo estrangeiras, referenciadas por modelos inspirados em países como a França e a Inglaterra.

Por último, a realização desta breve cartografia sonora evidenciou a possibilidade da reflexão a respeito da modernização paulistana a partir de vestígios sonoros. Esta metodologia pode ser vista como uma forma de ampliar o leque de alternativas para a compreensão deste panorama histórico.

Referências Bibliográficas:

AMERICANO, Jorge. **São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)**. 2 ed. São Paulo: Carrenho Editorial, 2004.

ANDRADE, Oswald de. **Um Homem sem profissão**. 3ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974.

BOSI, Ecléa, **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

- GALVÃO, Patrícia. **Parque Industrial**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cintra, 2013.
- GATTAI, Zélia, **Anarquistas, Graças à Deus**. 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JUNIOR, Geraldo Sesso. **Retalhos da Velha São Paulo**. 4 ed., São Paulo: Editora Maltese, 1985
- MACHADO, Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda**. 1 ed., São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1983.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras**. In: SEVCENKO, Nicolau. República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARX, Geraldina. **Os Humildes**. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.
- MORAES, José Geraldo V. de. **Sonoridades Paulistana: final do século XIX ao início do século XX**. São Paulo. Editora Bional, 1997.
- MORAES, José Geraldo V. de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo. Editora Atual, 1998.
- PENTEADO, Jacob. **Memórias de um Postalista**. São Paulo: Martins, 1963.
- PENTEADO, Jacob. **Belenzinho 1910**. 1 ed., São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.
- PORTA, Paula (org); **História da cidade de São Paulo, vol. 3**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.
- PUGLIESE, Salvador. **Recordar é viver**. São Paulo, 2006.
- RAGO, Margareth. **A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo**. In: PORTA, Paula (org). História da cidade de São Paulo, vol. 3. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. **O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: SEVCENKO, Nicolau. República: Da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHMIDT, Afonso. **São Paulo de Meus Amores**. São Paulo: Clube do Livro, 1954.

Sons, sonoridades e músicas nas casas e nos quintais paulistanos

SHAPOCHNIK, Nelson. **Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade.** In: SEVCENKO, Nicolau. República: Da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível.** In: SEVCENKO, Nicolau. República: Da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.